

# A ENCÍCLICA "ECCLESIAM SUAM" E A CONSCIÊNCIA CATÓLICA BRASILEIRA

PE. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA S. J.

*A encíclica Ecclesiam suam não foi talvez o que esperava a opinião pública, nem mesmo a opinião da maioria dos católicos. Aguardava-se, com impaciência, o primeiro pronunciamento de PAULO VI. Acreditava-se que viria prolongar certas linhas abertas por JOÃO XXIII, engajando-se logo nos grandes problemas da atualidade. Não foi isso, porém, o que aconteceu. Certas agências internacionais e determinado setor da imprensa nacional procuraram desde logo veicular alguns trechos fragmentários do documento, no qual se repetiam condenações ao comunismo. Quando se conheceu a íntegra do texto, pareceu a muitos uma simples exortação que não se dirigia aos interesses do grande público. Por isso, apenas alguns jornais se decidiram a publicá-la. Os mais evolveram-na no silêncio. Silêncio injusto, porque, se não objetiva diretamente problemas políticos, econômicos e sociais, traz uma resposta a problemas agudos, a crises profundas que atormentam a consciência brasileira, como a consciência católica de muitas outras nações. É a repercussão da palavra do Papa dirigida especialmente à Igreja, à sua Igreja — Ecclesia sua — que, neste comentário, se procura mostrar, analisando o modo como repercutiu sobre os vários tipos que caracterizam a consciência católica nacional. O tipo pacífico, que não foi afetado pela revolução de abril; o tipo sem consciência, que vive apenas o próprio egoísmo; o tipo traumatizado, que aceitava em parte o jogo comum com as esquerdas e que sentiu fortemente o choque da revolução; o tipo perplexo dos que não enxergam o caminho a tomar e, enfim, o tipo eufórico, que confunde simplesmente a vitória do movimento com uma acreditada vitória do bem sobre o mal, da Igreja sobre o comunismo.*

**O** SUMO Pontífice PAULO VI não pretende esquivar-se aos grandes problemas contemporâneos, e especialmente ao grande e fundamental problema da paz, de cuja honrosa.

solução depende a solução de todos os graves problemas da humanidade de hoje. Mantendo-se no seu plano, sem se deixar envolver nos aspectos políticos da questão, Ele se reserva para, em ocasião oportuna, pronunciar-se sôbre o assunto. Depois de apresentar no prólogo o esquema geral do documento, observa: "Notareis certamente que êste sumário . . . não inclui alguns temas urgentes e graves que interessam não só à Igreja mas à humanidade, como: a paz entre os povos e entre as classes sociais; a miséria e a fome que ainda afligem povos inteiros; o acesso das nações novas à independência e ao progresso civil; as relações entre o pensamento moderno e a cultura cristã; as condições infelizes de tanta gente e de tantas partes da Igreja a que são contestados os direitos próprios de cidadãos livres e de pessoas humanas; os problemas morais da natalidade e outros semelhantes. À grande e universal questão da paz no mundo, . . . sentir-nos-emos particularmente obrigado a dirigir não só a nossa atenção vigilante e cordial, mas também o interêsse mais assíduo e eficaz. Limita-se, é certo, ao âmbito do nosso ministério e está, por isso, alheio a qualquer interêsse puramente temporal e não opta por formas pròpriamente políticas. Desejamos, sim, contribuir para inculcar à humanidade sentimentos e atitudes que se oponham, por um lado, a quaisquer conflitos violentos e mortíferos, mas que, por outro, favoreçam todos os ajustes cordiais razoáveis e pacíficos das relações entre os povos. E teremos igualmente cuidado de ajudar a convivência harmônica e a colaboração frutuosa entre as nações, proclamando princípios humanos superiores, que possam ajudar a moderar egoísmos e paixões, que originam os conflitos bélicos. Procuraremos também intervir, quando se nos ofereça oportunidade, para ajudar as partes contendentes a chegarem a soluções honrosas e fraternas. Não nos esquecemos que êste serviço benévolo é um dever que o amadurecimento, não só das doutrinas, mas também das instituições internacionais, torna hoje mais necessário na consciência da nossa missão cristã no mundo, cujo objeto inclui tornar os homens irmãos, porque é reino de justiça e de paz o inaugurado pela vinda de Cristo ao mundo".

A primeira preocupação do Papa, entretanto, se fixa em um outro ponto: antes de mais nada, Èle quer entender-se com seus próprios filhos. A *Ecclesiam suam* é uma carta de família; uma carta de pai a filho. O pai quer evocar a seus filhos os valôres fundamentais comuns que devem ser a base a partir da qual, coerente e coesa, a Igreja reagirá em face dos problemas modernos. O Papa, que, na terceira e mais longa parte da encíclica, abordará o delicado problema do diálogo com o mundo não-católico, quer primeiramente entabular o diálogo com seus próprios filhos. Quer certificar-se de que na família não há equívocos, porque um vocabulário comum traduz uma mesma hierarquia de valôres: "Não ambicionamos dizer coisas novas nem completas; para isso aí está o Concílio Ecumênico. . . Nem quer esta nossa encíclica revestir-se de caráter solene e prôpriamente doutrinário, ou propor ensinamentos determinados, morais ou sociais; quer ser apenas mensagem fraterna e familiar. Só desejamos, com êste escrito, cumprir o dever de vos abrir a nossa alma, com a intenção de dar maior coesão e maior alegria à comunhão de fé e de caridade que reina felizmente entre nós. . ."

Esta preocupação primeira do Papa lhe é inspirada, entre outras razões, pela situação concreta da Igreja, no mundo moderno. Êste mundo, dispondo de formidáveis meios de influência que lhe são conferidos pelo progresso científico, técnico e social, atua sôbre a Igreja, condicionando não só os hábitos, comportamentos e atitudes de seus filhos, mas até seus modos de pensar. Até onde terá ido esta influência do mundo sôbre os filhos da Igreja? Terá ela avançado tanto a ponto de atingir os próprios valôres essenciais?

É o primeiro problema que importa esclarecer e enfrentar: "Todos sabem que a Igreja está mergulhada na humanidade, dela faz parte, nela vai buscar os seus membros, dela extrai tesouros preciosos de cultura, dela sofre as vicissitudes históricas e trabalha pelo seu bem. Ora, é sabido igualmente que a humanidade no tempo atual está em vias de grandes transformações, abalos e progressos, que lhe modificam profundamente não só o estilo de vida no exterior

mas também o modo de pensar. O pensamento, a cultura e o espírito sofrem modificação profunda, originada no progresso científico e social, como também nas correntes do pensamento filosófico e político, que a invadem e penetram. Tudo isto, como ondas do mar, envolve e sacode a Igreja. As almas, que a ela se confiam, são muito influenciadas pelo clima do mundo temporal; de maneira que um perigo quase de vertigem, de aturdimento, de extravio pode abalar a solidez dos seus membros e levar muitos a admitir os pensamentos mais desvairados, como se a Igreja houvesse de negar-se a si mesma e adotar formas novíssimas e nunca imaginadas de viver".

A consciência clara desta situação revela que a Igreja aceitou a definitiva superação daquilo que se poderia chamar de uma visualização medieval do mundo e da cultura. Esta visualização tinha como premissa implícita a coincidência entre as dimensões da Igreja e os horizontes do mundo e da cultura. E era neste sentido quase geográfico que se entendia a catolicidade. Mais ainda: a Igreja era a totalidade envolvente, permeando o mundo e a cultura com a sua influência. Hoje a Igreja se aceita como inserida no mundo e na cultura, permeada pelas suas influências tremendas e ambíguas. Ela chega assim a uma visão muito mais realista de suas próprias dimensões e sua catolicidade recebe um sentido muito mais dinâmico, pelo qual a idéia de conquista e de destinação universal substitui a idéia de ocupação definitiva. Ela pode assim medir, com mais realismo, as dimensões de sua missão e os riscos que esta comporta.

\*

Tenho a impressão de que esta preocupação do Santo Padre de entrar na onda sintonizada pelos seus filhos é de uma admirável atualidade para seus filhos no Brasil.

No catolicismo brasileiro de hoje distingo vários tipos de consciência. São tipos; portanto, resultados de uma elaboração teórica, de um trabalho abstrativo. Não se encontram na realidade *à l'état pur*, mas servem para compreender melhor a complexidade do real.

Há muitos tipos de consciência católica no Brasil de hoje, mas, entre todos, quero apenas focalizar aquêles sôbre os quais os últimos acontecimentos políticos nacionais exerceram um impacto mais violento, a ponto de constituírem para alguns ocasião de uma verdadeira crise religiosa. Para êles é que acho que a encíclica chegou especialmente na hora. Excluo, pois, desta análise, por exemplo, as *consciências pacíficas*, que, depois dos acontecimentos mencionados, continuaram a desempenhar-se honestamente de seus deveres, como o procuravam fazer antes. Para êles, que talvez sejam maioria, a revolução de abril não criou prôpriamente um problema de consciência, neste sentido que não se sentiram solicitados por ela a assumir uma atitude diversa da que vinham sempre assumindo e que constituía o chão mesmo de suas vidas. Para todos êstes católicos, a encíclica tem aquêle valor exortatório e permanente de todos os documentos pontifícios. Não tem a significação de uma resposta a uma situação nova e específica.

Excluo também os católicos *sem consciência* cristã, que infelizmente os há, os católicos de nome, que, antes como depois da revolução, vivem exclusivamente para o próprio egoísmo. Pretendem capitalizar uma presença católica na revolução, na medida em que isto pode servir a seus interesses. Não vale a pena falar-lhes de encíclica que nunca tomaram realmente a sério.

Três tipos de consciência católica, entretanto, me parecem merecer maior atenção, porque mais atingidos pelos acontecimentos nacionais e porque todos têm a característica comum, em sentidos diversos, de engajar sua própria vivência religiosa no processo histórico de que participam.

O primeiro dêstes tipos de consciência chamaria de *consciência traumatizada*. Compreende certa faixa de católicos que estavam profundamente comprometidos no processo histórico brasileiro anterior à revolução. Como católicos, conheciam claramente a incompatibilidade doutrinal entre cristianismo e comunismo. Como católicos, não participavam da corrupção. Aceitavam, porém, o jôgo comum com as fôrças de esquerda, porque viam nelas um impulso capaz de ajudá-los a preparar o advento de nova ordem so-

cial mais humana e mais cristã. Para o meu propósito aqui, não interessa formular um juízo de valor sôbre o conteúdo desta consciência. O importante, no momento, é notar que a revolução representou para êles a ruptura de um processo, o desmoronar de uma esperança. Os católicos desta faixa se fecharam na sua decepção, numa atitude de revolta, e se recusam a colaborar. Primeiro, porque, para êles, o atual govêrno, querendo ou não, é ou será inevitavelmente o instrumento do "gorilismo" e das "fôrças ocultas". Preferem ficar de lado, esperando a oportunidade para se reestruturar, talvez já se reestruturando, num ambiente que confere a sua atitude a sedução do que é conspiratório, a atitude de *maquis*. Segundo, porque colaborar significaria o repúdio de sua atitude pré-revolucionária, o que, parece-lhes, implicaria aceitar que tinham errado, e uma tal revisão de atitudes é difícil e penosa.

Um segundo tipo é a *consciência perplexa*. Talvez já represente um estágio ulterior de evolução da consciência traumatizada. Entram neste tipo os católicos que, antes da revolução, se alinhavam com os católicos do tipo anterior, mas que, agora, já começam a perceber certa falta de sentido em manter indefinidamente uma posição negativista. Começam a sentir a exaustão de um rancor estéril. Estão perplexos porque se perguntam como empregar seu idealismo e dinamismo na tarefa humana e cristã que sempre os empolgou, que se lhes afigurava como sua responsabilidade de cristãos, sem que tal atitude possa ser interpretada como oportunismo, como adaptação hábil às novas circunstâncias. Querem prescindir do que houve, para continuar a ser o que eram, mas não sabem como fazê-lo sem parecer oportunistas.

Enfim, um terceiro tipo se poderia chamar de *consciência eufórica*. É a consciência de alta percentagem de católicos que identificaram pura e simplesmente a vitória da revolução com a vitória da Igreja sôbre o comunismo, da honestidade sôbre a corrupção, do bem sôbre o mal. Parece que há certa simplificação no traçado que define essas fronteiras, e as dificuldades internas, as contradições que se exacerbam no seio da revolução deixam ver claro que nem todo o mal,

nem tôda a corrupção estavam exclusivamente do lado de lá. Mas, o que importa reter para compreender essa consciência eufórica é o fato que, na medida em que ela se engajou na luta, estava sinceramente convicta de que era êste o sentido concreto de seu engajamento cristão. Para êles, na conjuntura precisa em que se vivia, ser católico se traduzia concretamente em lutar pela revolução, isto é, lutar contra o comunismo. Qualquer outra atitude, ou qualquer outro método de lutar contra o comunismo, era, para êles, conivência, cumplicidade, quintacolonismo, inocência útil. Não entro no mérito da questão de saber se tinham ou não razão em tôda a linha. O que é mister sublinhar aqui é que nessa atitude de consciência estava em jôgo um problema de autenticidade cristã, como era êste o problema de fundo dos outros tipos de consciência já analisados.

\*

A encíclica *Ecclesiam suam* consta de três partes, intituladas respectivamente: *consciência, renovação, diálogo*, três títulos, como se vê, que evocam no meio católico brasileiro temas de grande atualidade. Na primeira parte, o Papa procura levar a Igreja, em cada um de seus filhos, a "aprofundar a consciência de si mesma, meditar sôbre o seu mistério, investigar . . . a doutrina . . . relativa a sua origem, natureza, missão, e destino". A segunda parte tem por objeto "comparar a imagem ideal da Igreja, qual CRISTO a viu, quis e amou . . . com o rosto que ela apresenta hoje . . . de onde virá à Igreja a necessidade nobre e quase impaciente de se renovar". A terceira parte, enfim, define "quais as relações que a Igreja deve hoje estabelecer com o mundo que a circunda e em que vive e trabalha".

A meditação das três partes do documento pontifício, numa atitude interior de disponibilidade filial, que é aquela que o Sumo Pontífice pede a seus destinatários, faria um bem imenso a cada um dos tipos de consciência que analisei. Revelaria, aliás, a todos que muito mais é o que os une do que o que os separa. Entretanto, tenho para mim que cada um dos tipos de consciência encontraria em determinada

parte da encíclica uma mensagem que lhe é particularmente adequada e oportuna.

\*

A primeira parte tem um sentido todo especial para a *consciência traumatizada* e, indiretamente, para a *consciência perplexa*.

Dois pontos fundamentais resultam desta primeira parte. Primeiro: o que há de mais importante hoje, para cada cristão em particular e para tóda a Igreja em geral, é a redescoberta de sua relação vital com CRISTO. Ser cristão é estar vitalmente vinculado a CRISTO, articulado n'Ele. Amputado de CRISTO, o cristão morre, e morrer enquanto cristão, isto é, perder a vida de CRISTO, é, para o cristão, o mais mortal dos suicídios. Segundo: a articulação do cristão em CRISTO se faz na Igreja e pela Igreja. A mutilação da Igreja interrompe, no cristão, a circulação da vida de CRISTO. Daí, seguir-se que ser membro da Igreja constitui, para o cristão, uma questão vital. É ponto que êle não pode colocar em problema, como não pode colocar em problema o seu próprio suicídio.

Tal perspectiva revela a relatividade que assumem para o cristão todos os mais problemas, ou melhor, lhe revela o ponto-de-vista, a partir do qual, e em função do qual, êle deve formular todos os mais problemas e principalmente o problema fundamental da autenticidade cristã.

É êste, certamente, o mais grave problema da *consciência católica brasileira*, ao menos daquela *consciência* que se formulou o problema, como é o caso da grande maioria da *consciência* hoje *traumatizada e perplexa*. É êste problema precisamente que a encíclica procura recolocar em seus devidos têrmos. A compreensão da linha de solução proposta pela encíclica pode significar a recuperação do traumatismo, a superação da perplexidade. A sua não-compreensão ou repulsa pode evoluir para uma "protestantização" dêste setor da *consciência católica brasileira*, onde se encontram não poucos verdadeiros líderes, cuja pureza de intenções, valor intelectual e sensibilidade social não podem ser postos em dúvida.

Qual é este problema da autenticidade cristã, e como ele se formulou para a consciência hoje traumatizada e perplexa?

O problema surgiu de uma experiência social; mais exatamente, de uma visão aguda e lúcida da condição de demissão humana em que vivem milhões de irmãos, sem a possibilidade de emergir desta condição. Esta visão decidiu-os ao engajamento, ao compromisso de sua vida dedicada à libertação e à promoção de seus irmãos. Depois de um período de hesitação em busca de uma linha de ação eficaz, decidiram-se por uma orientação que, na época, se chamou revolucionária, tendente à eliminação das estruturas vigentes, se necessário, por meios violentos, e à implantação de um modelo socialista. Nesta linha de ação, aceitavam explicitamente a cooperação de forças estranhas, inclusive comunistas. Não me cabe julgar se pecaram por ingenuidade, nem se *au cours de route*, outras correntes vieram contaminar a pureza do veio primitivo. O importante é ter presente que eles estavam profundamente convictos de que aquêle engajamento era a expressão mesma de seu cristianismo, mais ainda, era a única atitude autêntica de um cristão. Estavam convencidos de estar realizando, do único modo eficaz, o que há de mais essencial no cristianismo, o mandamento do amor. Para eles, qualquer outra atitude em um católico provinha, ou do fato de não ter a visão da realidade que eles tinham — como era o caso dos católicos ingênuos; ou do fato de não terem a coragem de aceitar o amor cristão até as suas últimas conseqüências — como era o caso dos católicos comprometidos com as estruturas capitalistas.

Acontecia, porém, que muitos católicos, incluindo grande parte da hierarquia, discordavam da linha de ação adotada e repeliam o modelo socialista visado, e o faziam não necessariamente por falta de visão ou de coragem, mas também por motivos doutrinários sólidamente fundados. A luta se travou neste plano, na crítica da ação e do modelo, e fêz esquecer, ou não permitiu que se reconhecesse, ou levou a que se negasse, o sentido primeiro do seu engajamento. No entanto, para eles, era neste plano mais profundo que se

formulava o verdadeiro problema: o problema da autenticidade cristã. Incompreendidos pelo que se poderia chamar de catolicismo oficial, começaram a reclamar-se de um cristianismo evangélico. Este tema inspirou, na época, toda uma literatura que redescobriu e revelou, com novo vigor, profundos valores cristãos, mas que, no quadro de referências em que emergia, adquiria um sentido cada vez mais anti-ecclesial ou antieclesiástico. A crise ia-se configurando sempre mais nitidamente, crise que, na sua expressão aguda e final, teria vindo inevitavelmente a se formular nos seguintes termos: deixar a Igreja, para ficar com CRISTO. Genuína crise de protestantização que não chegou a eclodir porque os acontecimentos se precipitaram com o advento da revolução.

Mas, a crise não está superada e o problema da autenticidade cristã, para eles, não está resolvido. Alguns, e infelizmente não foram poucos, como tinham pouca ou nenhuma formação ecclesial, renunciaram pura e simplesmente a uma Igreja que não conheciam e à qual pertenciam por um batismo cuja imensa significação, para a vida de um cristão, jamais conheceram. Vale isto dizer que a crise para eles resultou num gesto de apostasia? Não cremos que seja possível formular um juízo tão peremptório. Foi por seu engajamento que chegaram a conhecer o cristianismo e descobriram a face de CRISTO sofredor. Poderão ser eles, e só eles, responsabilizados de não terem reconhecido esse CRISTO na sua Igreja? Estou convencido de que ninguém se encontra uma vez com CRISTO, *seductor ille*, impunemente. Por isto me recuso a crer que sua experiência se tenha reduzido a um saldo puramente negativo.

Os outros, que dispunham de melhor formação religiosa, prolongaram o mais possível a formulação do problema em termos de um dilema exclusivo. Mediavam em toda a sua importância a gravidade da opção. Tinham formação ecclesial suficiente para pressentir que uma ruptura com a igreja visível, ou com os representantes visíveis da Igreja, pode não ser uma simples questão disciplinar. Pressentiam que esta ruptura podia atingir as fontes mesmas de abastecimento daquele cristianismo, em cujo nome eles se engajavam.

Presentiam que, em última análise, a ruptura com a Igreja, em nome do cristianismo, ia colocá-los diante da interrogação final e decisiva: em nome de que cristianismo? Porque afinal sabiam que foi à Igreja visível que CRISTO se entregou. Sabiam que, independentemente do valor moral ou intelectual dos representantes visíveis da Igreja, é nela e por ela que, para êles, passa o caminho para CRISTO. Sabiam que a ruptura, levada a suas últimas conseqüências, terminaria num inglório e estéril gesto de rebelião e acabaria por ficar definhando, à margem da grande corrente de vida. O epílogo de uma espécie de nova Igreja Brasileira era melancólico demais para tanto idealismo inicial.

Todo o problema da autenticidade cristã se concentra, assim, em tórno desta questão: é possível ser fiel ao engajamento cristão, renunciando a Igreja? Vimos que é precisamente esta questão que a primeira parte da encíclica enfrenta, respondendo pela negativa. Daí a sua atualidade; daí sua significação tôda especial, para nossas consciências traumatizadas.

\*

A segunda parte da encíclica traz um subsídio especialmente indicado para a *consciência perplexa*, oferecendo-lhe a possibilidade de superação de sua perplexidade. Esta possibilidade reside na apreensão do verdadeiro sentido de renovação para a Igreja.

O problema da consciência perplexa é o de viver sua antiga vocação cristã, em circunstâncias novas, sem que isto implique compromissos desairosos. É o problema de preservar a essencialidade, nas mutações do acidental. É precisamente êste o sentido da renovação na Igreja, como o define o Papa, quando recorda os critérios segundo os quais a renovação, a reforma deverá ser promovida.

O primeiro critério sugere que a renovação "não pode abarcar nem o conceito essencial nem as estruturas fundamentais da Igreja Católica". Trata-se, antes de tudo, de preservar o essencial.

O segundo critério indica que reforma, na Igreja, não significa mudança, mas garantia de continuidade, de identi-

dade consigo mesma, pelo esforço de manter nela a fisionomia que CRISTO lhe deu, desenvolvendo-se conforme o modelo por Ele previsto. O critério não importa a exigência de um fixismo senil nem de um primitivismo obsoleto que visse a renovação da Igreja de hoje numa simples volta às formas primitivas, sem levar em conta as expansões legítimas de sua vida e de seu progresso. Não se trata para a árvore de se fossilizar nem de voltar a ser semente, mas de crescer, que é mudar permanecendo a mesma, numa imprecível fidelidade à própria forma.

Os católicos perplexos aspiravam também uma renovação. Eles também eram possuídos por uma preocupação de autenticidade cristã, de redescoberta de um cristianismo evangélico. Deveriam ficar agradavelmente surpresos verificando que êste também é o desejo da Igreja. Ela também deseja renovar-se, e o critério de sua renovação não é um critério extrínseco, mas interior. Não é a preocupação leviana de condizer com as mutações sempre instáveis do ambiente, mas uma preocupação de fidelidade a seu próprio espírito, melhor, ao Espírito que nela habita: "Se... podemos falar de reforma, não devemos tomá-la como mudança, mas sim como confirmação no esforço para mantermos na Igreja a fisionomia que lhe imprimiu CRISTO; mais ainda, no esforço para a reconduzir sempre à sua forma perfeita, correspondente, por um lado, ao desígnio primitivo do Fundador, e, por outro, reconhecida como conseqüente e legítima no progresso necessário. Como da semente se origina a árvore, assim daquele desígnio vem à Igreja a sua forma legítima, histórica e concreta. Não nos iluda o critério de reduzir o edifício da Igreja, que se tornou amplo e majestoso para a glória de Deus, como templo seu magnífico, de o reduzir às suas primeiras proporções iniciais e mínimas, como se estas fôssem as únicas verdadeiras e justas".

Escandalizados por certas aparências, tais católicos duvidam da autenticidade do espírito evangélico da Igreja de hoje, principalmente no tocante ao testemunho de pobreza e de amor. O Papa sabe disto e não é sem um motivo preciso que são exatamente êstes os dois pontos únicos de renovação aos quais o Papa alude na encíclica, como "necessida-

des e deveres primordiais”. O Santo Padre sabe que aderências temporais podem ter desfigurado parcialmente o verdadeiro perfil da Espôsa de Cristo e que, portanto, para revelá-lo de nôvo ao mundo, é preciso reformar, o que significa reencontrar a forma primeira: “O dito não significa que seja intenção nossa ver a perfeição na imobilidade dessas formas de que a Igreja se foi revestindo através dos séculos; ou julgar que ela consiste em tornarmo-nos refratários a qualquer aproximação nossa às formas hoje comuns e aceitáveis nos costumes e na índole do nosso tempo. A palavra, hoje famosa, do nosso venerado Predecessor JOÃO XXIII, de feliz memória, a palavra “atualização”, sempre a teremos presente como orientação programática...”

O problema não está mais em saber se deve haver reformas, nem em definir os critérios que devem orientá-las, mas em determinar o modo pelo qual devem ser feitas. É a esta altura, a encíclica atinge um dos mais graves problemas com que a Igreja sempre se defronta nos grandes momentos de sua história e que interessa diretamente à consciência perplexa, como a traumatizada: o problema do profetismo. O profeta é aquêle que vê e dá testemunho da verdade. Vidente e mártir, que significa testemunha, sua mensagem é portadora de uma força quase irresistível. O profeta autêntico não se erige em tal; resiste a esta vocação sagrada e tremenda, mas é arrebatado pelo Espírito. É nisto, aliás, que reside o segrêdo de sua força. Vocação heróica, as suas contrafações são difíceis de discernir e conduzem sempre a conseqüências trágicas. Todos os inconformados na Igreja se sentem, em determinado momento, bafejados pelo esto profético. Nunca a Igreja precisou tanto de verdadeiros profetas; nunca os riscos dos falsos profetas foram tão grandes para ela. Nas condições do mundo atual, com seus recursos de comunicação e de propaganda, a sombra do falso profeta assumiria inevitavelmente proporções apocalípticas. A grandeza do risco explica a susceptibilidade da Igreja em preveni-lo, e só há um critério definitivo para distinguir o verdadeiro do falso profeta: o primeiro submete o seu carisma à Igreja; o segundo acaba colocando seu carisma acima de tudo.

A crise que viveram as consciências traumatizadas e perplexas se configura em tѐrmos que evocam de perto as crises proféticas; as crises do profetismo em face do convencional, do oficial. É mistѐr notar, de resto, que, na história da Igreja, se observa tanto o profetismo renovador e fecundo, como o profetismo que evoluiu para o cisma, a heresia e a esterilidade. É neste contexto que se pode compreender a gravidade e delicadeza desta advertência: "Nem nos fascine a ambição de renovar a estrutura da Igreja por via carismática, como se fôsse nova e verdadeira a expressão eclesial nascida de idéias meramente particulares, embora fervorosas e atribuídas talvez à divina inspiração. Por êste caminho se introduziriam sonhos arbitrários de renovações artificiosas no plano constitutivo da Igreja. Como ela é, devemos-la servir e amar, com sentimento inteligente da história e buscando humildemente a vontade de Deus, que a assiste e guia, mesmo quando permite que a fraqueza humana lhe empane um pouco a pureza das linhas e elegância da ação". "A Igreja renovará a sua juventude, não tanto mudando as suas leis exteriores, quanto dispondo interiormente o espírito dos seus para obedecer a CRISTO".

\*

A consciência eufórica encontrou especial interêsse na terceira parte da encíclica, dedicada ao diálogo. Nesta parte a consciência eufórica captou principalmente a passagem referente à condenação do comunismo, lastimando talvez que a encíclica não tenha sido mais enérgica.

O tema do diálogo é tratado no documento pontifício com tal grandeza de ânimo e de tal altura que não cabe vazá-lo nos estreitos limites de uma problemática doméstica. A êle será consagrado um artigo especial.

**AR CONDICIONADO**

engenheiros  
especializados

**ASSISTÊNCIA E GARANTIA**

*Confort-Air S/a*

ENGENHARIA — INDUSTRIA  
COMÉRCIO

IA WASHINGTON LUIS, 81 - 1º, 2º e 3º - TELEFONES 22-2030 • 22-492